

A GRANDE VIRADA CULTURAL: COMO A CONTRACULTURA SE TRANSFORMOU NA CULTURA DE CONSUMO – AS INTERPRETAÇÕES DE HADDAD E DARDOT E LAVAL.

Palavras-Chave: Contracultura, Neoliberalismo e Consumo.

Autores/as:
João Vitor Santos Melo – IE/UNICAMP
Profª. Adriana Nunes Ferreira – DPHE/IE/UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O século XX é um século marcado por diversas inovações tecnológicas, crescimento econômico, conflitos civis e internacionais e por uma intensificação das contradições internas do modo de produção capitalista. Em especial, a segunda metade do século é marcada por conflitos e rupturas poderosas a ponto de promover estrangulamentos em alguns pilares morais, econômicos e sociais da sociedade carregada nos costumes de um mundo antigo. A sociedade do *fin de siècle*, suportada pelos avanços do capitalismo, pela acumulação do capital e por uma conjuntura internacional favorável ao crescimento econômico e à consolidação da hegemonia estadunidense, quebra os paradigmas de uma sociedade que adormece (e não morre) junto do fascismo e do nazismo.

A crise do liberalismo no início do século e a “grande virada” no *fin de siècle* demonstram um fator essencial: uma tentativa de subverter todos os aspectos da vida social à ordem econômica do mercado. É nesse contexto histórico que no pós-guerra surgem diversos movimentos sociais – de direitos civis e contraculturais – que se utilizam da subversão da ordem moral imposta pelo capital para questionar o hegemônico *american way of life*. E, a posteriori, com a “grande virada” há o processo histórico do qual me dedico a contribuir com interpretações: a apropriação da identidade dos movimentos supracitados pela lógica do capital e a transformação de uma contracultura em cultura do consumo.

No início do 6º capítulo d’*A Nova Razão do Mundo* (2016), Dardot e Laval explicam a chamada “Grande Virada” – processo de transição de um capitalismo fordista para uma ordem neoliberal:

Os anos 1980 foram marcados, no Ocidente, pelo triunfo de uma política qualificada, ao mesmo tempo, de “conservadora” e “neoliberal”. Os nomes de Ronald Reagan e Margaret Thatcher simbolizam esse rompimento com o “welfarismo” da social-democracia e a implementação de novas políticas que supostamente poderiam superar a inflação galopante, a queda dos lucros e a desaceleração do crescimento. (DARDOT; LAVAL, 2016, p.189)

A contribuição de Dardot e Laval, entretanto, define o neoliberalismo como algo que vai muito além de características da política econômica, mas como uma nova racionalidade baseada na concorrência generalizada. O neoliberalismo não circula somente no meio econômico, transpassa todos os aspectos materiais da sociedade – política, identidade, espiritualidade e **cultura**.

É nesse contexto histórico, político e social que encontro a provocação que dá luz à essa pesquisa. Meu principal questionamento é: como movimentos de contestação ao *american way of life* que nascem como anticapitalistas representam na sociedade, hoje, uma forte e importante

vertente do consumo. Ou seja, é necessário destrinchar esse questionamento central para explorar o processo político e histórico da constituição de uma cultura do consumo (ou do capitalismo) e a apropriação da identidade pelo mercado e sua incomensurável adaptabilidade que se fortalece junto de seu próprio motor: o neoliberalismo.

Para explorar essas inquietações, selecionei duas obras que tratam, de arcabouços teóricos e metodológicos distintos, da intensificação do neoliberalismo. São elas: *A Nova Razão do Mundo* (2016) de Dardot e Laval e *Em Defesa do Socialismo* (1998) de Haddad. A primeira se encaixa no arcabouço teórico do conceito de governamentalidade de Foucault, enquanto a segunda se localiza na teoria crítica à luz do materialismo histórico.

Cabe pontuar que nenhuma das obras trata especificamente de meu objeto de estudo, o mecanismo de apropriação dos movimentos sociais pelo mercado, mas sim de uma ordem econômica, cultural, política e social que interfere em todos os aspectos da vida humana. Nesta observação reside a primeira dificuldade metodológica – como encontrar respostas em textos que não se propõem a responder perguntas específicas sobre o processo histórico analisado?

Ao avançar nesta dificuldade metodológica e no decorrer das análises, compreendi também a necessidade de olhar não somente para as obras selecionadas, mas, também, me dedicar a explorar os métodos utilizados pelos autores uma vez que a análise das obras, por si só, sem a compreensão metodológica, não tem o poder de responder os questionamentos que elenquei nesta introdução.

Dessa forma, o objetivo de minha pesquisa é realizar uma contribuição teórica para a compreensão do processo histórico de apropriação dos movimentos culturais pelo capitalismo neoliberal. Tal contribuição se dá através do confronto das obras selecionadas, buscando respostas dos autores às perguntas elaboradas por mim, assim como pela contraposição entre as obras, refletindo sobre complementariedade ou distância das metodologias utilizadas pelos autores.

METODOLOGIA:

A metodologia utilizada na pesquisa consiste na elaboração de perguntas que auxiliem na análise do processo histórico de apropriação dos movimentos contraculturais pelo capitalismo e da busca das respostas a essas perguntas nas obras selecionadas. No processo indagativo, elencam-se as possíveis respostas dos autores¹ e delinham-se as aproximações e distanciamentos das duas obras.

A primeira pergunta, ponto de partida para a discussão, é: quais são os agentes envolvidos na transformação histórica? Esse questionamento é essencial para que seja possível compreender, dentro da estrutura social, quais setores da sociedade agem ativamente por meio dos mecanismos de subjetivação para a apropriação das identidades contraculturais pela forma Capital.

A segunda pergunta, que se relaciona com a primeira, é sobre os mecanismos presentes na sociedade contemporânea, que corroboram a grande virada cultural.

A terceira pergunta está relacionada às formas de resistência ao avanço neoliberal e às possíveis alternativas propostas pelos autores à nefasta nova razão do mundo.

Ao realizar a leitura das obras, ficou claro que antes de encontrar as respostas a essas perguntas, seria necessário compreender o método que cada autor utiliza para a construção de seus respectivos trabalhos. Portanto, busquei também textos que auxiliassem no entendimento do arcabouço teórico dos autores (Marxista para Haddad e Foucaultiano para Dardot e Laval) para que, então, fosse possível fazer tais perguntas utilizando uma linguagem comum².

¹ É importante ressaltar que nenhum dos autores das obras selecionadas escreve especificamente sobre o processo histórico da grande virada cultura (transformação da contracultura em cultura do consumo), mas sim sobre a formação do capitalismo contemporâneo e o nascimento, formação, intensificação e formas de ação do neoliberalismo.

² A partir desta análise, tornou-se um dos objetivos do trabalho a elaboração de uma seção do trabalho dedicada à discussão metodológica dos arcabouços teóricos dos autores das obras selecionadas.

Mas então, qual foi a linguagem comum que achei para a análise das obras? Wendy Brown (2019) apresenta uma síntese teórica sobre a contraposição e complementação dos arcabouços teóricos de Foucault e Marx que se encaixa perfeitamente à forma como construí minha análise:

This book draws on both the neo-Marxist and Foucauldian approaches to neoliberalism and also expands both to redress their mutual neglect of the moral side of the neoliberal project. It does not treat the two as opposites or as reducible to material versus ideational understandings of power and historical change, but employs them as featuring different dimensions of the neoliberal transformations taking place around the world in the past four decades. The neo-Marxist approach tends to focus on institutions, policies, economic relations, and effects while neglecting their far-reaching effects of neoliberalism as form of governing political reason and subject production. The Foucauldian approach focuses on the principles orienting, orchestrating and relating state, society, and subjects and above all on neoliberalism heralds and builds. The former cast neoliberalism as ushering in a new chapter of capitalism and generating new forces, contradictions, and crises. The latter reveals governments, subjects, and subjectivities as transformed by neoliberalism as revealing the extent to which capitalism is not singular and does not run on its own logics, but is always organized by forms of political rationality. Both approaches contribute to understanding the characteristics of actually existing neoliberalism and of the current conjecture. (BROWN, 2019, p. 20-21)

Compreendi também que apesar desta análise conjunta, meu ponto de partida metodológico teria que ser o materialismo histórico-dialético. No projeto inicial, trouxe que um dos meus objetivos seria apresentar definições de conceitos chaves à análise³. Entretanto, percebi que encontrar uma definição não seria possível uma vez que dependeria do método o qual utilizo para analisar cada conceito. A única definição que encontrei, e é daí que origina meu ponto de partida metodológico: cultura do consumo. Segundo Fontenelle (2017):

(...) defino cultura do consumo como uma cultura impregnada da forma-mercadoria e que, por isso, tornou-se um modo de vida que foi ressignificando o uso dos objetos, assim como dos hábitos, valores, desejos, paixões e ilusões de uma época. (FONTENELLE, 2017, p.13-14)

Ou seja, a cultura do consumo é a cultura do capitalismo. Logo, o ponto de partida é a mercadoria em forma social e em especial seu caráter fantasmagórico – o fetichismo – que dá luz ao salto mortal da mercadoria (M – D), ou seja, para a troca é necessário que além dessa mercadoria ter sido produzida para ser trocada, ela tenha um caráter fantasmagórico que é o *modo de ocultamento das relações de dominação/exploração entre os homens (...) a transformação dos produtos do trabalho humano em mercadorias*. (KEHL, 2000, p. 86). A mercadoria e seu caráter fantasmagórico estão então no centro do processo histórico que busco analisar e a metodologia necessária para se pensar a mercadoria é o materialismo histórico-dialético.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os principais resultados encontrados na pesquisa estão relacionados com as perguntas elaboradas na metodologia e, em especial, a exploração metodológica descrita por Brown (2019). Não cabe uma resposta síntese a cada ponto, mas sim a descrição de um processo em que se abarquem os principais agentes, os mecanismos de apropriação e as alternativas ao neoliberalismo.

Desta forma, enquanto ocorre a acumulação capitalista, possibilitada pelo salto mortal da mercadoria e seu caráter fantasmagórico – que é a raiz da cultura do consumo – se amplia a luta

³ A saber: contracultura, consumo de massa e contracultura.

de classes⁴. Na concepção política d'O Manifesto, a história da luta de classes é a história da ampliação das desigualdades e da exploração do trabalho humano e conforme há uma intensificação desses mecanismos se ampliam as contradições internas de um modo de produção. Tais contradições teriam o poder de promover estrangulamentos tão intensos à estrutura social que culminariam em um processo revolucionário no qual a classe oprimida se levanta frente à opressora para mudar as estruturas produtivas do modo de produção.

Entretanto, o neoliberalismo, através de mudanças profundas na governamentalidade⁵, promove uma mudança na racionalidade coletiva, capaz de moldar a sociabilidade para com a ordem da concorrência. Uma das características essenciais para o “triunfo” da nova racionalidade é uma capacidade incomparável de adaptação do modo de produção aos choques (sejam eles políticos, econômicos, sociais ou culturais). É essa característica é a mais perversa e nefasta do neoliberalismo: uma vez que se esse sistema é adaptável, ele se apropria das contradições que se originam na luta de classes e através de seus mecanismos de subjetivação as incorporam no modo de produção tornando-as, de alguma maneira, coexistentes com o capital e, mais disso, as torna parte dos mecanismos que garantem da acumulação capitalista.

Portanto, o neoliberalismo inibe uma perspectiva revolucionária na contemporaneidade - pelo menos nos moldes revolucionários consagrados ao longo da modernidade e contemporaneidade (de lutas territoriais e confronto direto) - e abre espaços para se pensar como será a revolução no século XXI. Dardot e Laval (2015) (assim como como Federici (2004 e 2019)) nos levam a uma das possíveis respostas: o comum. No prefácio de Eleutério Prado ao livro *Comum: Ensaio Sobre a Revolução no Século XXI* de Dardot e Laval (2015) há a seguinte introdução ao conceito:

A prática social anticapitalista já tem mostrado que as lutas sociais visam e devem visar à instituição de “Comuns”, isto é, à disponibilidade para as pessoas dos meios materiais e imateriais necessários a suas atividades coletivas – não, portanto, como propriedade privada ou como propriedade estatal. O princípio do comum radicaliza a democracia ao instituir o autogoverno das pessoas, que, assim, realizam a própria libertação, seja da dominação explícita do Estado, seja da dominação abstrata do sistema econômico vigente.

Essa é uma das alternativas ao neoliberalismo. A discussão acerca de alternativas é urgente pois os estrangulamentos são cada vez maiores e o esgotamento das sociedades e dos recursos naturais aumenta a cada dia, na contramão da promoção de justiça social e de uma economia sustentável.

CONCLUSÕES:

No fim do século XX e início do século XXI, uma vasta diversidade de autores se dedicou à analisar o rótulo chamado “neoliberalismo” a fim de explorar as mudanças e caminhos da sociedade envolta no capitalismo moderno. Apesar de cada autor apresentar uma bagagem teórica e metodológica distinta, algumas características se sobressaem: a capacidade de adaptabilidade, a meu ver, é a mais nefasta, presente e ameaçadora. É através dela que o mecanismo de apropriação das identidades e de subjetivação se realizam.

⁴ Aqui me refiro não somente à estrutura de classes presente n'O Manifesto - burguesia, proletariado e latifundiários – mas também à revisão desta estrutura proposta por Haddad (1998) que além destas classes apresenta ainda a classe dos gerentes, dos cientistas e dos desclassificados.

⁵ Laval (2021) apresenta a definição de governamentalidade de Foucault: (...) conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. (LAVAL, C. p. 15, 2021 *apud* Foucault, 2004b, p111 [2008b, 143])

A análise da grande virada cultural, da apropriação dos movimentos de contracultura pela cultura do consumo, é uma análise do neoliberalismo. É através dele e de sua capacidade desenfreada de se adaptar a todo e qualquer ambiente que foi e é possível transformar uma vertente anticapitalista numa engrenagem do capital, a serviço da acumulação.

Analisar o capitalismo neoliberal, sua história e suas tendências é de extrema importância para pensar em alternativas a essa nova razão do mundo e em uma sociedade que seja socialmente justa, ambiental, cultural e economicamente sustentável.

BIBLIOGRAFIA:

- ADORNO, Thodor W.; HORKHEIMER Max. **Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos: A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas.** 1947.
- ALVES, Vítor Lopes de Souza. **A dialética da transformação de valores em preços de produção.** Dissertação (mestrado em economia), Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2020.
- ANDRADE, Daniel Pereira; OTA, Nilton. **Uma alternativa ao neoliberalismo – Entrevista com Pierre Dardot e Christian Laval** Tempo Social – Revista de Sociologia da USP, Vol.27, nº1, 2015.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Modernidade Neoliberal.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol.29, nº 84, 2014.
- BROWN, Wendy. **In The Ruins of Neoliberalism - The Rise of Antidemocratic Politics in the West.** New York, Columbia University Press, 2019
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Éve. **O Novo Espírito do Capitalismo.** São Paulo: editora Martins Fontes, 2009.
- DA SILVA, Cinthia Jardim Negromonte. **Contracultura e Cultura Negra: Resistência à cultura ocidental no Brasil.** CELACC/ECA USP, 2015.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- _____. **Comum – Ensaio Sobre a Revolução no Século XXI.** São Paulo, Editora Boitempo, 2017.
- DE OLIVEIRA, Milena Fernandes. **Consumo e Materialismo Histórico: Nova Perspectivas do Marxismo Aplicado à História.** Associação Nacional de História – ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História – 2007.
- FEIJÓ, Martin Cezar. **Cultura e Contracultura – Relações entre conformismo e utopia.** Revista FACOM, nº 21, 2009.
- FELDMANN, Daniel Augusto. **O “Salto Mortal” da mercadoria, a contradição em processo do capital e os sentidos do novo nacionalismo autoritário no século XXI.** Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política – 56/maio 2020 – agosto 2020.
- FONTENELLE, Isleide Arruda. **O estatuto do consumo na compreensão da lógica e das mutações do capitalismo.** Lua Nova, São Paulo, 92: 207-240, 2014.
- _____. **O Consumo de a cultura do Capitalismo.** GVExecutivo, V.14, nº 21, 2015.
- _____. **Cultura do Consumo – Fundamentos e Formas Contemporâneas.** Rio de Janeiro, Editora FGV, 2017.
- HADDAD, Fernando. **Em defesa do socialismo por ocasião dos 150 anos do Manifesto.** Editora Vozes, 1998.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos – O Breve século XX (1914 – 1991).** Companhia das Letras, 1994.
- KEHL, Maria Rita. **O Fetichismo.** In: 7 pecados capitais, p. 80-106. org.: SADER, Emir, Editora Record, 2000.
- LAVAL, Christian. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal.** Editora Elefante, 2020.
- LEFEBVRE, Henri. **La vie quotidienne dans le monde moderne.** Paris, Gallimard, 1968.
- MARX, K. **O Capital – Volume I.** São Paulo, Editora Boitempo, 2017.
- MEDEIROS, Bruno Cesar Cassani. **Capitalismo e consumo: uma análise introdutória sobre a sociedade de consumo na periferia subdesenvolvida.** Iniciação Científica - Instituto de Economia da Unicamp, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Adriana Nunes Ferreira.
- PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura.** Editora Brasil, 1983.
- POLANYI, Karl. **A Grande Transformação – As origens da nossa época.** Rio de Janeiro, Editora Campus, 2000.
- RODRIGUES, Carla. **Os nomes do Capital.** Revista Serrote, 2013.
- VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições.** São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- VITAL, Nayara Cristina Borges. **A criança na sociedade do consumo: uma proposta de trabalho para anos iniciais do ensino fundamental.** Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2018.